



Dois telas da série "Vista", formada por 16 quadros que possibilitam uma leitura individual e/ou conjunta

Paisagens contínuas de Fukushima

Nellie Soltrenick/divulgação

Poucos são os artistas plásticos que podem se dar ao requinte de elaborar seus quadros a partir de um esquema idealizado em função do espaço da galeria onde irá expor. Foi exatamente isso o que aconteceu com Takashi Fukushima que, convidado pela galeria Paulo Prado para realizar uma mostra individual, criou não só os quadros mas, ao pintá-los, levou em consideração a maneira como deveriam ser exibidos. O resultado de seu trabalho e desta sua concepção pessoal e original de organização da mostra poderão ser apreciados a partir de hoje, às 21 horas, na inauguração de "Paisagem Contínua", na Paulo Prado (rua eng. Alcides Barbosa, 53).

"Paisagem Contínua" reúne 45 obras, pintadas em acrílico sobre tela, todas realizadas em 1983. A mostra divide-se em dois segmentos. O primeiro é composto pela série "Vista", 16 quadros que apresentam uma paisagem contínua na parte superior e na parte inferior constituem uma espécie de muro onde Takashi insere os grafismos e interfe-

rências, característicos de sua obra. A segunda série é "Jardim de Inverno", onde o pintor nos revela a natureza através de cortinas, janelas e vidros onde se vêem pingos de chuva e reflexos. Mesmo estando agrupados, os quadros possuem cada qual sua individualidade, dando margem a leituras específicas.

Embora jovem, - ele nasceu em São Paulo em 1950 - Fukushima nos mostra nesta exposição um trabalho maduro. Ela é o resultado de anos de pesquisa e aprimoramento deste arquiteto formado pela FAU, filho do conhecido pintor Takashi Fukushima. Desde 69 ele vem participando de coletivas e salões e a partir de 1971, quando realizou sua primeira individual na galeria Opus, já fez 23 exposições individuais e recebeu 15 prêmios em diferentes salões oficiais.

As telas em acrílico de Takashi Fukushima ficam na galeria Paulo Prado até o dia 31 de outubro, onde podem ser vistas de segunda a sexta, das 10 às 22 horas. Aos sábados, das 10 à s i 3 h o r a s



Fukushima: trabalho premeditado

Gabinete de Arte expõe contemporâneos

Divulgação

"Imaginar o Presente" é o nome da mostra coletiva que Raquel Babenco apresenta, de hoje até o próximo dia 19, em seu Gabinete de Arte (av. 9 de Julho, 5719). A exposição reúne trabalhos de artistas plásticos dos quais tenha realizado mostras anteriores, ou mantenha vínculos de proximidade estética. Todos eles desenvolvem trabalhos de pesquisa relacionados entre si ("Não se chocam", afirma Raquel), embora em áreas diferentes das artes plásticas.

"Eu quero mostrar o que está sendo feito em arte contemporânea no Brasil, já que muitos artistas de outros países vêm apresentar suas coisas na Bienal e sentem-se curiosos por acompanhar o que nós estamos fazendo", afirma Babenco. Além disso, a mostra revela a opção do Gabinete de Arte, por trabalhar sempre com artistas contemporâneos. A seleção, no entanto não implica em dizer que estes sejam os representantes da contemporaneidade no Brasil, mas alguns dos mais destacados. "Eu queria ser duas pessoas e ter outra galeria, para expor mais alguns".

Entre outros, participam com obras



Escultura de Sérgio Camargo em negro-belga, na mostra que abre hoje

em "Imaginar o Presente" os artistas plásticos Amílcar de Castro (esculturas), Artur Piza (gravador, também faz trabalhos em porcelana), Carlos Vergara (pintor carioca que vai expor na galeria em novembro), Eduardo Sued (também pintor), Franz Weissman (esculturas em aço), Marco do Valle (faz objetos), Sérgio Camargo (esculturas

em negro-belga, foto), além de Willys de Castro, Walmécio Caldas Jr. (que expôs no Gabinete de Arte no ano passado), Tunga, Hercules Barsotti, Lygia Clark e José Rezende. Deles, Walmécio e José Rezende participam da 17ª Bienal.

A exposição permanece aberta de segunda a sexta, entre 10 e 22 horas.

O fim das "cores baianas" de Kantor

Gilberto R. dos Santos



Auto-retrato do pintor argentino

Durante um período próximo a 30 anos, o pintor e desenhista Manuel Kantor teve no Brasil a sua pátria, embora não sua nacionalidade. Argentino de nascimento - nasceu em Buenos Aires em 1911 -, filho de imigrantes judeus do meio rural da Europa Central, foi entre nós que ele produziu um dos segmentos mais expressivos de sua obra e onde achou um dos veios mais ricos de sua inspiração: a "fase baiana", ao longo da qual produziu alguns de seus óleos sobre tela mais significativos, durante a década de 50.

No entanto, Kantor morreu há dois meses, em Jerusalém, onde passou seus últimos dias, e a imprensa brasileira noticiou o fato apenas timidamente, com grande atraso, há alguns dias, por iniciativa de seu amigo, o colecionador Mendes André, que o conheceu há mais

de 40 anos, na casa de Portinari. Ele se encarregou de noticiar a morte de Kantor, após uma cirurgia mal-sucedida de um câncer no pulmão, da qual o pintor não se recuperou. André ficou sabendo do fato através de uma carta da viúva, e espantou-se com a omissão da imprensa em torno de um pintor quetinha como amigos e admiradores Carlos Drummond de Andrade, Portinari, Niemeyer, José Lins do Rego e - para falar nos estrangeiros - Nicolás Guillén, Pablo Neruda e Jorge Luís Borges.

Mendes André declara enfaticamente que "não sou um negociante, apenas compro e presenteio com obras de arte". Sua modéstia, porém, fica patente através de um percurso por sua bela casa, cujas salas e quartos ostentam mais de uma dezena de Portinari - entre óleos e desenhos a traço -, Bonnadei e um Segall pelo qual ele confessa ter pago 30 mil dólares em 1974. De Kantor, ele só conserva dois óleos, representativos da fase baiana. Mas Kantor também teve como fonte inspiradora de uma "fase" o porto buenairense de La Boca, sobre o qual deixou diversos trabalhos de sua pintura sempre comprometida com o figurativo, mas de colorido hábil e livre nas incursões.

Entre as muitas exposições individuais que realizou no Brasil, Kantor apresentou algumas memoráveis na Petite Galerie, do Rio, em 1957, uma única vez em São Paulo - seu círculo de relações era essencialmente carioca - e, em 1978, no Museu Nacional de Belas Artes, a erradica mostra em terras brasileiras. Sua última exposição em vida se deu em maio deste ano, em Milão, mas, adoentado, o artista já não pôde comparecer. Quando vinha a São Paulo, frequentava a casa de Mendes André, almoçavam e jantavam juntos. "Ele tinha o jeito de um garoto travesso, aquele sorriso resabiado de quem acabou de aprontar alguma. E era o artista gira-mundo incapaz de se fixar em algum canto. Mas Buenos Aires e o Brasil eram suas pátrias mais constantes."

"Era um homem extremamente alegre - lembra ainda André - , passava várias horas a conversar sem se lembrar de comer ou beber. E escrevia muito bem, suas cartas eram verdadeiras peças literárias. Ele começava a escrever num dia, continuava num segundo, terceiro e quarto."

Mendes André apenas conserva hoje duas pinturas do amigo Kantor, mas várias outras - sobretudo paisagens e óleos da "fase baiana" - estão expostas nas casas de seus filhos e netos, a quem ele presenteou com elas. De Kantor, escreveu o poeta Drummond: "Coisa, desenho, palavra/ fundem-se em generosa radiação./ Kantor/ invade o país dos signos e dele faz sua ansão."